

“Sem letras” no mundo das letras¹

“Without lyrics” in the lyrics world

Luísa Maria Serrano de Carvalho

Resumo

Assumindo como objetivo central, identificar e caracterizar eventuais estilos de aprendizagem, existentes em comunidades com elevadas taxas de analfabetismo, a presente investigação centrou-se no estudo dos processos de aprendizagem de indivíduos analfabetos de seis localidades do concelho de Alandroal e compreendeu a realização de um estudo de caso, assente numa metodologia bidimensional.

A análise descritiva e inferencial corroborou a hipótese de que foi o facto de os indivíduos se localizarem em comunidades, com determinadas características geográficas, culturais, económicas e sociais, que conduziu ao desenvolvimento de determinados saberes/maneiras de fazer, que se traduziram em eventuais estilos locais de aprendizagem.

Sustenta-se que, pela sua localização geográfica e pelas dinâmicas comunitárias existentes, os contornos/singularidades do processo de aprendizagem dos inquiridos das localidades de Ferreira de Capelins e, essencialmente, de Juromenha, apresentaram-se com especial relevância.

Palavras-chave: analfabetismo; estilos de aprendizagem; educação de adultos; educação comunitária; território.

Abstract

Taking as its central objective, to identify and characterize possible learning styles that exist in communities with high illiteracy rates, this research focused on the study of the learning processes of illiterate individuals from six small villages in the municipality of Alandroal and it included the realization of a case study, based on a two-dimensional methodology.

The descriptive and inferential analysis confirmed the hypothesis that it was the fact that the individuals were located in communities with certain geographical, cultural, economic and social characteristics which led to the development of specific knowledge/ways of doing that resulted in possible local styles of learning.

It is argued that, by its geographical location and the existing community dynamics, the contours/singularities of the learning processes of the respondents from the localities of Ferreira de Capelins and, essentially, of Juromenha, presented a particular relevance.

Keywords: literacy; learning styles; adult education; community education; territory.

¹ Trabalho apresentado no III Seminário de I&DT, organizado pelo C3i – Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre, realizado nos dias 6 e 7 de dezembro de 2012.

1. Ponto de Partida

Como lembram Guerreiro *et al* (1996: 350), «*em Portugal, a prevalência de analfabetismo é muito alta*». Castro-Caldas *et al* (1995) ampliam esta ideia, referindo que, no nosso país, o desenvolvimento social tem sido lento, quando comparado com outros países da Europa e que o analfabetismo é ainda comum em populações rurais com indivíduos na casa dos sessenta anos de idade.

Com efeito, em inícios do século XXI, e de acordo com os censos relativos à população portuguesa (INE, 2001¹), Portugal possui ainda uma elevada taxa de analfabetismo (9%). De acordo com a mesma fonte, de 1991 para 2001, esta taxa registou uma redução de apenas 2%.

Deste modo, o problema do analfabetismo constitui-se, no território português, como um fenómeno com uma longa história de persistência. Como sublinhavam, na década de setenta do século passado, Melo & Benavente (1978), trata-se de um fenómeno estrutural da vida do país, ligado a um contexto económico, social e cultural herdado. Já Vitorino Godinho (Diretor-Geral de Estatística, cit. por Candeias, 2004: 134), aquando da realização do recenseamento de 1920, afirmava:

Se o poder legislativo e os governos não tomarem sérias medidas para debelar mais prontamente a crise do analfabetismo, e se, pelo contrário, for mantido o pequeno incremento da percentagem que acusam os números acima indicados, por eles também podemos concluir, com certa aproximação, que o analfabetismo só virá a desaparecer no decénio 2030 a 2040...

Na região portuguesa do Alentejo, o analfabetismo assume uma dimensão que se pode considerar relevante, uma vez que, de acordo com a informação disponibilizada pelo recenseamento realizado, em 2001, à população portuguesa (INE, 2002), o analfabetismo na região alentejana afetava 17,1% dos indivíduos residentes – enquanto que, relativamente à totalidade do país, o mesmo indicador revelava, conforme referenciado anteriormente, um valor de 9,0% –.

De salientar que, no recenseamento geral da população portuguesa levado a cabo em 1991, a taxa de analfabetismo no Alentejo encontrava-se nos 21,9%. Perante estes números, poderemos concluir que o analfabetismo continua a ser uma impressionante

realidade alentejana, que resulta da assinalável complexidade dos contornos territoriais, culturais e sociais em que se manifesta, das circunstâncias históricas das respetivas causas e consequências e da quantidade de indivíduos envolvidos (838 140 indivíduos em Portugal, dos quais 83 985 residiam no Alentejo, em 2001).

De referir que existiram, ao longo do tempo, preocupações com os baixos índices de qualificação, mas, a par dessa preocupação, não se evidenciou, no nosso país, o desenvolvimento de estudos sobre o indivíduo analfabeto em si. Escasseiam, no nosso país, estudos em torno dos indivíduos analfabetos, muito embora exista uma investigação muito significativa, que se assumiu, desde o início desta investigação, como um pilar importante: a investigação de Castro-Caldas e seus colaboradores, em torno do cérebro dos indivíduos analfabetos. Os resultados da investigação vieram dar conta de que os indivíduos não-alfabetizados possuem estruturas cerebrais distintas dos indivíduos alfabetizados e que, ao ser distinta a anatomia cerebral, também a forma como se processam as aprendizagens e as estratégias utilizadas para aquisição das mesmas difere, face aos indivíduos que sabem ler e escrever.

Em indivíduos alfabetizados verifica-se uma maior transferência de informação entre os dois hemisférios cerebrais o que pressupõe um aumento significativo de processamento paralelo de ambos os lados implicando aumento de transferência calosa, o que contribui para o desenvolvimento do corpo caloso. Castro-Caldas & Reis (1999: 70) afirmam que «(...) *a própria anatomia do cérebro pode ser modificada em consequência da aprendizagem, o que ficou demonstrado na comparação do corpo caloso de letrados e analfabetos*».

Não se pretendendo enveredar, naturalmente, por uma investigação de carácter neurocientífico, a questão das diferenças na realização das aprendizagens assumiu-se, como um chavão e suscitou a possibilidade de, caso existam estratégias individuais de aprendizagem, as mesmas se poderem traduzir em estilos individuais de aprendizagem.

Castro-Caldas & Reis (1998) referem que, quando um indivíduo considerado normal (relativamente ao seu potencial de aprendizagem), não tem oportunidade de aprender a ler e a escrever, apoiará as suas estratégias cognitivas em mecanismos potencialmente

distintos daqueles que são utilizados pelos que dominam esse conhecimento... A “falta de escolaridade”

(...) certainly influences the way in which people deal with the information necessary for modern life, such as a medical prescription, instructions for use of machines, and safety information, just to mention a few. (...) It increases the emergence of idiosyncratic strategies in some talented subjects² (Castro-Caldas, 2004: 6).

Concorrendo para esta discussão, o geógrafo Orlando Ribeiro (1989: 773) lembra que

numa população onde predomina a gente rural e os analfabetos, os elementos tradicionais mantêm-se vivazes: o *costume* tem grande força e as gerações transmitem inalterado um vasto património de ideias, hábitos e atitudes. Sem embargo, a conjugação de várias influências contribui hoje para minar os fundamentos desta cultura genuinamente popular. Essas influências são: a escola, a telefonia, o jornal, os transportes e a cidade.

Ainda de acordo com Castro-Caldas (1993: 206), o facto de o indivíduo não ter frequentado a instituição formal que é a escola, leva-o a desenvolver estratégias individuais que vão diferir de sujeito para sujeito. Acrescenta que «*these are the result of the interaction of natural aptitudes of the subjects with the problems of life, with the informal tutorial teaching by their parents and relatives, and with the tradition of the social environment which may vary from community to community.*»³

Esta ideia assumiu-se como um pilar na investigação, pois, para além de se reportar às diferenças individuais na aprendizagem de indivíduos analfabetos, remete para o facto de essas mesmas diferenças poderem ser, igualmente, resultado da interação do indivíduo com a sua circunstância territorial e social e com todo o conjunto de aprendizagens informais que na mesma estão disponíveis.

Ribeiro (1989) frisa que “*o uso tem muita força*” e que “*os hábitos não se desarraigam facilmente*”. A este propósito, e referindo-se à região Alentejo, e neste caso específico aos concelhos do Alandroal e de Mourão, Gaspar (1981: 43) refere que se tratam de

(...) exemplos de coincidência das terras naturalmente pobres com o respectivo afastamento dos grandes centros (...). Se o afastamento dos principais focos organizadores e inovadores acentua por um lado a pobreza natural, favorece por outro a manutenção de arcaísmos técnicos e culturais. Assim, não é por acaso que (...) se encontram (...) restos de um passado de hábitos comunitários ainda em plena actividade.

Tais desequilíbrios ao nível do país, refletiram-se no modo de viver das suas populações, nas suas vivências, nas suas aprendizagens e na forma como efetuaram as mesmas.

Coloca-se, pois, em evidência o papel que a comunidade pode desempenhar ao nível da construção de estratégias próprias de aprendizagem. O território é distinto, como distintas são as pessoas que nele habitam. As comunidades têm características específicas resultantes de um conhecimento específico dos indivíduos, em confronto com as circunstâncias territoriais, que os levou a fazer as “coisas” daquela forma. Possuem uma cultura que lhes é própria e que é a expressão de um dado território. A este respeito, Telles (1982: 225-226) lembra que a cultura de cada comunidade não pode, nem deve ser desprezada, pois:

a maneira de estar, no espaço físico e no espaço-tempo de uma comunidade resulta da experiência acumulada, traduzida em regras e costumes, que constituem parte daquilo a que chamamos “cultura”. (...) Nasceu, portanto, do encontro dos homens com o meio e resulta de um conjunto de experiências bem conseguidas a partir da observação e interpretação dos fenómenos da Natureza.

Ribeiro (1989: 774) referencia que «(...) *assim, parece lícito esboçar as linhas mestras de uma “cultura popular”, válidas, a despeito de variações regionais ou de diferenças de estilos de vida*».

Nesta linha de ideias, Giacometti (1985: 40) sublinha que «*na verdade, a cultura genuína do nosso povo não se inscreve em geral na versão oficializada de património onde, quando muito, a sua existência incómoda é referida em termos passadistas, senão caridosos*».

Freire (1993, cit. por Perez, 2008) afirma, precisamente, que a localidade do “educando” deve ser o ponto de partida para a construção do conhecimento do mundo. É o facto daquele(s) indivíduo(s) se localizar(em) naquela comunidade, com aquelas características geográficas, sociais, culturais e não outras, que levou a que desenvolvesse(m) determinados saberes e maneiras de fazer, muitas delas seculares. Como refere Telles (1989), resultou do “*encontro dos homens com o meio*”. Castro-Caldas (2002: 60) chama, a este respeito, a atenção para a existência de uma possível generalização de um estilo de aprendizagem: «*o princípio que norteia esta forma de*

estudo baseia-se no seguinte: se uma determinada ocorrência é possível num indivíduo (...) então essa ocorrência corresponde a uma possibilidade geral do sistema». Nesta linha de ideias, um indivíduo pode ser “catalizador” das aprendizagens numa comunidade. Se um indivíduo aprendeu a partir de uma determinada observação; de um determinado modelo, então as pessoas que pertencem a essa mesma comunidade (ou até membros da mesma família ou colegas de trabalho) podem aprender segundo o mesmo modelo.

Este princípio assumiu-se como uma âncora no presente trabalho de investigação. Por um lado, remete para a possibilidade de um determinado indivíduo, neste caso analfabeto, ter aprendido de dada forma (estilo); por outro lado, equaciona a hipótese de mais indivíduos dessa comunidade, também eles analfabetos, terem aprendido do mesmo modo, ou seja, possuírem o mesmo padrão/estilo de aprendizagem ou, eventualmente, se poderem encontrar regularidades. Isto é, pondera-se a eventual existência de um estilo comunitário de aprendizagem.

Tendo presente esta realidade, Ribeiro (1989: 773) afirma, relativamente à população analfabeta, que *«esta massa de gente encontra-se, perante os processos de vida moderna, desprovida dum utensílio insubstituível, mas ela move-se com perfeita segurança dentro dos seus valores habituais»*. No seio de uma determinada comunidade, com características específicas e diferenciadas de outra comunidade, evidencia-se, nas palavras de Giacometti (1985: 40), *«(...) o carácter fundamental de um povo que, contra as adversidades, soube criar os meios técnicos aptos a garantir o seu pão de cada dia, melhorar a sua capacidade de resistência ao clima e às doenças, aliviar o exercício das tarefas domésticas e comunitárias e, também, alegrar saudavelmente o seu sombrio horizonte social»*.

Portanto, equaciona-se a existência de eventuais regularidades na forma como os indivíduos analfabetos, inseridos numa dada comunidade, efetuaram os seus processos de aprendizagem.

A propósito destas diferenças importa frisar o território no qual se desenvolveu a nossa investigação: o Alentejo. Como lembra Telles (1982: 215), possui *«(...) regiões com*

características naturais e sócio-culturais bastante diferenciadas». Importa, por isso, de acordo com Pestana (1982: 258), frisar que:

as distâncias que separam os aglomerados populacionais (...) são responsáveis pela existência da actual geração de analfabetos alentejanos, pois eram, e ainda são de algum modo [no século XXI], causa determinante do isolacionismo que convida ao conformismo e ao comodismo.

Gaspar (1981: 45) lembra que o povoamento da região Alentejo é concentrado: «*a grande concentração em aldeias e a dispersão regular dos montes (...) constituem os temas dominantes do povoamento rural*».

A acrescer a esta questão dos aglomerados populacionais, junta-se a do envelhecimento da população, sendo que o Alentejo é uma das regiões onde esse fator mais se faz sentir, o que, ainda mais, tende a convidar ao “*conformismo*” e ao “*comodismo*” – conceito de zona de conforto (Vygotsky, 1998; Pérez, 2009) – tudo aquilo que estamos acostumados a fazer, pensar ou sentir.

Neste caso concreto, as pessoas mais idosas, com muita experiência acumulada e, por conseguinte, com uma ampla “zona de conforto”, tendem a por em causa os benefícios do abandono dessa “segurança” já adquirida. Os contornos da “zona de conforto” poderão, no entanto, assumir formas distintas, de território para território.

No que concerne, especificamente, à caracterização da região Alentejo, Borralho (1993: 44) lembra que se trata de uma

terra das grandes planícies, ondeadas pelo pontear de pequenas massas rochosas (à excepção da serra de S. Mamede no Noroeste de Portalegre), de charnecas e montados, de terras de barro, vermelhas, ensolaradas – onde o Homem, no labor árduo dos dias, (...) nas searas que, ano após ano, o vento o verde ondula e o sol escaldante depressa transforma em areais de muitas sementes – o Alentejo é, pelas componentes antropológicas que comporta, uma região de forte identidade cultural.

O mesmo autor refere que esta região é «*terra de cultura antiga, feita de muitas culturas (...). Reflexo do potencial cultural de um povo (...)*» (p.50).

Importa, assim, um olhar mais cuidado sobre o indivíduo analfabeto, inserido num determinado território com características específicas e sobre as aprendizagens que o

mesmo foi efetuando, ao longo da vida, tendo presente que não realizou uma importante aprendizagem: aprender a ler e a escrever.

Portanto, e em síntese, partiu-se das seguintes premissas:

- a) Os indivíduos analfabetos possuem estruturas cerebrais distintas;
- b) Cérebros de indivíduos alfabetizados e não alfabetizados aprendem de maneira diferente;
- c) Um indivíduo não alfabetizado, por não ter frequentado a escola, vai procurar/construir estratégias de aprendizagens noutros contextos que resultam da sua circunstância territorial e social.
- d) As comunidades tendem a ser ricas em contextos de aprendizagens, nomeadamente informais e não formais;
- e) Se um indivíduo analfabeto desenvolveu determinadas estratégias de aprendizagem, na comunidade, há a possibilidade de mais indivíduos analfabetos dessa comunidade terem desenvolvido estratégias idênticas;
- f) Aglomerados populacionais alentejanos, por serem concentrados, convidam ao isolacionismo – a população concentra-se em aglomerados que distam uns dos outros;
- g) Isolacionismo “impede”/condiciona contacto com outras comunidades;
- h) Indivíduos tendem a passar a maior parte do seu tempo com pessoas da mesma comunidade, a com elas (con)viver e aprender e, por conseguinte, desenvolver estratégias locais (de aprendizagem); condição propícia ao desenvolvimento de estilos locais de aprendizagem.

2. Alguns Resultados

Assumindo como objetivo central, identificar e caracterizar eventuais estilos de aprendizagem, existentes em comunidades com elevadas taxas de analfabetismo, a presente investigação incidiu no estudo dos processos de aprendizagem de indivíduos

analfabetos de seis localidades do concelho de Alandroal e compreendeu a realização de um estudo de caso, assente numa metodologia bidimensional.

O Alandroal apresentava-se, em 2001 como sendo um dos concelhos do Alentejo em que se verificava uma das mais altas taxas de analfabetismo (21%), localizando-se, assim, no “ranking dos concelhos do Alentejo”, em 12º lugar.

Do concelho do Alandroal, e conforme já se referenciou anteriormente, fazem parte 5.556 indivíduos recenseados, sendo que, destes, 758 não sabem ler, nem escrever, ou seja, são analfabetos. Por conseguinte, a nossa população em estudo era constituída por 758 indivíduos.

Tendo-se consciência de que não se poderia abranger toda a população, optou-se por seleccionar as freguesias onde as taxas eram mais elevadas: Nossa Senhora do Loreto (localidade de Juromenha); São Brás dos Matos (localidade de Mina do Bugalho); Santo António de Capelins (localidades de Capelins e de Montejuntos) e São Pedro (localidades de Hortinhas e de Terena). Com esta opção, abarcaríamos cerca de metade da população (indivíduos analfabetos) e teríamos quatro freguesias em estudo, duas delas com mais do que uma localidade, o que nos proporcionaria a disponibilidade de seis localidades/unidades de análise.

Ao nível da (representatividade da) amostra, e uma vez que sabíamos, *a priori*, que nem todos os indivíduos se encontravam em condições de responder (doença; mudança para casa dos filhos;...) optou-se por aplicar o questionário junto de todas as pessoas analfabetas recenseadas que se encontravam em cada uma das freguesias (307 indivíduos). Porta a porta, procurou-se cada um dos nomes que constava na listagem.

De entre os indivíduos visados pelo estudo, obteve-se uma taxa de resposta de 79,5%, correspondente a 244 analfabetos das freguesias/localidades em investigação.

Quadro 1 – Taxa de participação dos analfabetos na investigação, por localidades

Freguesia	Localidade	Analfabetos recenseados por localidade	Analfabetos que responderam ao QAP
Santo António de Capelins	Ferreira de Capelins	38	31 (81,6%)
	Montejuntos	56	40 (71,4%)
S. Brás dos Matos	Mina do Bugalho	62	49 (79,0%)
São Pedro	Hortinhas	50	44 (88,0%)
	Terena	72	60 (83,3%)
Nossa Senhora do Loreto	Juromenha	30	21 (70,0%)
	TOTAL	308 (100,0%)	245 (79,5%)

Tendo em consideração a questão de partida e os objetivos definidos no âmbito da presente investigação, por meio de uma análise descritiva e inferencial, foi possível extrair as seguintes relações:

1. Nas comunidades estudadas, as atividades do sector primário assumiam um papel preponderante. A esmagadora maioria dos inquiridos conviveu com essas práticas e padrões culturais desde a infância. Cedo tiveram de aprender as lides do campo e ajudar a família, o que inviabilizou a oportunidade de aprenderem a ler e a escrever, pois ao desejo de ir à escola, sobrepuseram-se, quase sempre, as dificuldades financeiras da família;
2. Já em adultos, as condições de vida, o trabalho árduo nos campos agrícolas, nas pedreiras ou noutros contextos, não possibilitaram que, então, aprendessem a ler e a escrever. O tempo escasseava e o cansaço foi-se sempre sobrepondo ao desejo de integrar o mundo das letras. Questões de sobrevivência “falaram mais alto” do que o desejo de aprender;
3. Quase todos os inquiridos passavam a maior parte do tempo na sua freguesia. Sair da mesma, sozinhos, sobretudo na “atualidade”, era, segundo estes indivíduos, complexo, pois tudo orbitava em torno da mobilização de competências de leitura;

4. Os indivíduos demonstraram, na sua maioria, um elevado grau de satisfação com as aprendizagens que, ao longo da vida, foram realizando, ainda assim, à exceção dos inquiridos da localidade de Juromenha, revelaram pouca preocupação com a sua formação, quer em relação ao passado, quer em relação ao futuro;
5. Foi na freguesia de residência que os indivíduos desenvolveram a maioria das aprendizagens, especialmente em contextos familiares, profissionais e/ou conviviais, portanto em contextos não formais e, essencialmente, informais;
6. Da análise descritiva e inferencial foi possível confirmar a existência de diferenças significativas, na forma como os inquiridos de cada localidade aprenderam, remetendo para uma demarcação em torno dos processos através dos quais os indivíduos concretizaram as suas aprendizagens;
7. Mesmo variáveis que se manifestaram, de forma similar, em mais do que uma unidade de análise (localidade), por vezes encontraram, para a sua razão de ser, naturezas explicativas distintas, de localidade para localidade;
8. Na medida em que a maioria dos indivíduos aprendeu junto de outros membros da comunidade, muitos deles também analfabetos, podemos aceitar a hipótese de que, neste estudo de caso, o contexto geográfico, caracterizado por uma determinada circunstância territorial e um determinado “microclima comunitário” (Nico, 2004), exerceu influência nos processos de aprendizagem, conduzindo à edificação de estilos locais de aprendizagem por parte dos indivíduos analfabetos;
9. Não excluindo a existência de outras dimensões significativas, é possível destacar como tendo assumido especial relevância:
 - a) Em *Ferreira de Capelins*, a territorialização das aprendizagens, o isolacionismo, a perspetiva cognitivo motivacional (Duarte, 2002; 2004a); a perceção da existência de capacidades para aprender (Berbaum, 1992), bem como uma motivação intrínseca, conducente à realização de aprendizagens e

de abordagens profundas às mesmas – Dimensão da percepção (Pérez, 2009) e do autoconceito (Lima & Seco, 1990);

- b) Em *Montejuntos*, o conceito de “coaching” (Pérez, 2009) aquando das aprendizagens, materializado, essencialmente, no apoio das duas funcionárias da Junta de Freguesia de Santo António de Capelins – Dimensão institucional;
- c) Em *Mina do Bugalho*, o interesse em desenvolver as suas competências (ZDP – Vygotsky, 1998), solicitando ajuda (coaching – Pérez, 2009), tendo em vista aprofundar o conhecimento (Duarte, 2002; 2004a), em contextos familiares e, acima de tudo, por meio da existência de uma rede de relações sociais e do contacto com a realidade – Dimensão convivial;
- d) Em *Hortinhas*, a existência de oportunidades de aprendizagem na freguesia (São Pedro) e os baixos índices de motivacionais (motivação instrumental), condicionadores do desenvolvimento de aprendizagens (Faria, 1997) e conducentes à abordagem superficial das aprendizagens (Duarte, 2002; 2004a) – Dimensão geográfica e motivacional*;
- e) Em *Terena*, a existência de oportunidades de aprendizagem na freguesia (São Pedro); a existência de uma motivação instrumental (Faria, 1997) e a tendência de recurso à memorização para aprender (Norman, 1985), associadas à realização de abordagens superficiais às aprendizagens (Duarte, 2002; 2004a) – Dimensão geográfica e motivacional*;
* Dimensões comuns nas duas localidades da freguesia de S. Pedro – influência da proximidade geográfica, propícia à edificação de “microclimas comunitários” (Nico, 2004).
- f) Em *Juromenha*, também a tendência para o recurso à memorização, associado à realização de abordagens superficiais às aprendizagens (Duarte, 2002; 2004a), mas, sobretudo, o forte peso dos contextos sociais e institucionais (em detrimento dos profissionais); a eventual influência da proximidade geográfica em relação ao país vizinho e, essencialmente, à cidade de Elvas – Dimensão geográfica e institucional/social.

Parece, assim, colocar-se em evidência a existência de estilos locais de aprendizagem, nos inquiridos das seis localidades em estudo, pelas suas circunstâncias pessoais/motivacionais, territoriais (geográficas), sociais, convívias e institucionais.

Pelo facto de a amostra ser referente a localidades de quatro das seis freguesias do concelho do Alandroal, a confirmação de existência de estilos locais e comunitários de aprendizagem não pôde ser generalizada em relação aos indivíduos analfabetos residentes nas demais localidades das freguesias do concelho do Alandroal (Nossa Senhora da Conceição e Santiago Maior). Ainda assim, pode ajuizar-se que, caso se viessem a confirmar, as mesmas, certamente, estariam intimamente ligadas ao contexto territorial e às dinâmicas sociais, profissionais, institucionais (...) existentes no mesmo, bem como aos interesses e motivações dos próprios indivíduos. Como lembra Nico (2008: 10), *«mais do que em qualquer outra circunstância territorial – onde as dimensões demográficas, económicas e culturais possibilitam outra latitude reflexiva e decisional –, no interior, qualquer exercício de reflexão em torno das redes de aprendizagem ao longo da vida deverá assentar num pensamento global, integrado e coerente»*.

3. Em jeito de conclusão

Sustenta-se que, pela sua localização geográfica e pelas dinâmicas comunitárias existentes, os contornos/singularidades do processo de aprendizagem dos inquiridos das localidades de Ferreira de Capelins e, essencialmente, de Juromenha, apresentaram-se com especial relevância.

Na localidade de Ferreira de Capelins evidenciou-se a tendência para a realização de uma abordagem profunda às aprendizagens, pressupondo, a mesma, a existência de motivação, capacidade de decisão, gosto em aprender e em aprofundar os conteúdos das aprendizagens. As aprendizagens dos indivíduos tenderam a circunscrever-se ao território e à sua pessoa, remetendo para um claro isolamento geográfico e pessoal.

Em sentido oposto, as aprendizagens dos indivíduos de Juromenha pautaram-se, vincadamente, por uma dimensão social, convivial e institucional. A abordagem às aprendizagens tendeu, no entanto, a assumir contornos mais superficiais. Os indivíduos aprenderam num ambiente de maior “abertura”, mas, tendencialmente, realizaram uma abordagem menos profunda das aprendizagens.

Foi o facto de os indivíduos se localizarem em comunidades, com determinadas características geográficas, culturais, económicas e sociais, que conduziu ao desenvolvimento de determinados saberes/maneiras de fazer, que se traduziram em eventuais estilos locais de aprendizagem.

Notas de texto

¹ Dos Censos realizados em 2011 ainda não foram divulgados os dados respeitantes ao analfabetismo.

² (...) Influencia certamente a forma como se lida com a informação necessária para a vida moderna, tais como as prescrições médicas, as instruções para o uso de máquinas, as informações de segurança (...). Esta falta estimula a emergência de estratégias idiossincráticas nalguns indivíduos de maior talento.

³ «Estas são o resultado da interação entre as aptidões individuais dos sujeitos com os problemas da vida, com o ensino tutório informal por parte dos seus pais e parentes e com a tradição do meio social, que varia de comunidade para comunidade.»

Bibliografia Referenciada

Berbaum, Jean (1992). *Desenvolver a Capacidade de Aprendizagem*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Borrvalho, Manuel (1993). *Alentejo: Tesouro Escondido de Portugal*. Évora: Região de Turismo de Évora.

Candeias, António (2004) (Coord.). *Alfabetização e Escola em Portugal nos séculos XIX e XX*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Carvalho, Luísa (2010). *A aprendizagem de indivíduos não-alfabetizados pertencentes a comunidades com elevados índices de analfabetismo*. Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do grau de Doutor. Évora: Universidade de Évora (não publicada).

Castro-Caldas, Alexandre & Reis, Alexandra (1998). O analfabetismo no contexto dos modelos de estudo em Neuropsicologia. *Neuropsych Latina*, 4 (2), pp.62-65.

Castro-Caldas, Alexandre & Reis, Alexandra (1999). Adaptação bio-funcional do cérebro ao conhecimento da leitura e da escrita. *Jornal das Ciências Médicas*, 163, pp.69-86.

Castro-Caldas, Alexandre (1993). *Problems os testing aphasia in illiterate subjects*. In F. Stachowiak et al (Edits). *Developments in the Assessment and Rehabilitation of Brain-Damaged Patients*. Luxembourg: Gunter Narr Verlag Tübingen, pp.205-210.

Castro-Caldas, Alexandre (2002). *O Cérebro Analfabeto. A influência do conhecimento das regras da leitura e da escrita na função cerebral*. Lisboa: Bial.

Castro-Caldas, Alexandre (2004). Targeting regions of interest for the study of the illiterate brain. *International Journal of Psychology*, 39 (1), pp.5-17.

Castro-Caldas, Alexandre *et al* (1995). *Influence of literacy (vs illiteracy) on the characteristics of acquired aphasia in adults*. In C. Lcong & R. Joshi (Eds). *Developmental and Acquired Dyslexia*. Kluwer Academic Publishers, pp.79-81.

Duarte, António (2002). *Aprendizagem, Ensino e Aconselhamento Educacional. Uma perspectiva cognitivo-motivacional*. Coleção Ciências da Educação Século XXI, 12. Porto: Porto Editora.

Duarte, António (2004a). *Auto-Regulação e abordagens à aprendizagem*. In A. Silva *et al*. *Aprendizagem Auto-Regulada pelo Estudante. Perspectivas Psicológicas e Educacionais*. Coleção Ciências da Educação Século XXI, 17. Porto: Porto Editora, pp.41-53.

Faria, Luísa (1997). Objectivos de realização: Que implicações para o estudo da motivação?. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXXI, n.º1, 2 e 3, pp.211-221.

Gaspar, Jorge (1981). *A Área de Influência de Évora. Sistema de funções e lugares centrais*. Coleção Memórias do Centro de Estudos Geográficos. Lisboa: Universidade de Lisboa/Instituto Nacional de Investigação Científica.

Giacometti, Michel (1985). Cultura Popular Portuguesa. As tradições artesanais. *Movimento Cultural. Revista dos Municípios do Distrito de Setúbal*, Ano I, n.º1, pp.39-41.

Guerreiro, Manuela *et al* (1996). O cérebro analfabeto. A questão da demência. *Análise Psicológica*, 2-3 (XIV), pp.341-351.

INE (2001). *Censos 2001: Resultados Preliminares: XIV Recenseamento Geral da População: IV Recenseamento Geral da Habitação*. Lisboa: INE.

INE (2002). *Censos 2001: Resultados Definitivos: XIV Recenseamento Geral da População: IV Recenseamento Geral da Habitação*. Lisboa: INE.

Lima, Margarida & Seco, Graça (1990). Auto-conceito académico em adultos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXIV, pp.303-315.

Melo, Alberto & Benavente, Ana (1978). *Educação Popular em Portugal (1971-1976)*. Coleção Educação e Documentos, 4. Lisboa: Livros Horizonte.

Miranda, Luísa & Morais, Carlos (2008). Estilos de Aprendizagem: O Questionário CHAEA adaptado para Língua Portuguesa. *Revista de Estilos de Aprendizaje*, n.º1, volume I, pp.66-87. Recuperado em 1 de Julho de <http://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/1067>.

Nico, Bravo (2004). *O Pano: um Exemplo de Aprendizagem em contexto comunitário em Nossa Senhora de Machede*. In J. Nico; E. Costa; P. Mendes & L. Nico (Orgs). *II Encontro Regional de Educação – Aprender no Alentejo*. Évora: Universidade de Évora, pp.47-54.

Nico, Bravo (2008). *Aprender no interior português: Vértices para um pensamento integrado e uma acção responsável*. In J. Nico (Org.). *Aprendizagens no Interior: Reflexões e Fragmentos*. Mangualde: Edições Pedagogo, pp.9-19.

Norman, Donald (1985). *El aprendizaje y la memoria*. Madrid: Alianza Psicología.

Perez, Cármen (2008). *Leituras do Mundo/Leituras do Espaço: um diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos*. In R. Garcia (Org.). *Novos Olhares sobre a Alfabetização* (3.ª Edição). São Paulo: Cortez Editora, pp.101-122.

Pérez, Juan (2009). *Coaching para Docentes. Motivar para o Sucesso*. Porto: Porto Editora.

Pestana, Luís (1982). *A Educação de Adultos em Portugal. O caso específico do Alentejo – Agentes e grandes métodos de educação de adultos*. In M. Patrício (Coord.). *Educação de Adultos no Alentejo. Contributo para a formação dos agentes educativos*. Évora: Universidade de Évora, pp.249-265.

Ribeiro, Orlando (1989). *Evolução e Distribuição da População*. In O. Ribeiro et al. *Geografia de Portugal III. O Povo Português*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, pp.731-778.

Telles, Gonçalo (1982). *Análise sócio-cultural do Alentejo – O Homem e a Terra*. In M. Patrício (Coord.). *Educação de Adultos no Alentejo. Contributo para a formação dos agentes educativos*. Évora: Universidade de Évora, pp.215-239.

Vygotsky, Lev (1998). *A Formação Social da Mente* (6.ª Edição). São Paulo: Martins Fontes.

Nota sobre a autora

luisacarvalho80@gmail.com

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre

Licenciada em Ensino Básico – 1.º Ciclo pela Escola Superior de Educação de Portalegre; mestre em Educação – Administração Escolar e doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora. Docente do Departamento de Educação e Formação na Escola Superior de Educação de Portalegre, desde 2006. Membro colaborador do CIEP – Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora.

Principais áreas de investigação: analfabetismo, estilos de aprendizagem, educação de adultos, educação comunitária, território.